



NEUE HANDLUNGS-RÄUME UND SPIEL-FELDER. SHRINK TO FIT. Improvisation als mentales Modell einer städtebaulichen Wende

NOVOS ESPAÇOS DE AÇÃO E CAMPOS DE JOGO. SHRINK TO FIT. Improvisação como modelo mental de uma transformação urbanística

Christopher Dell

Shrink to fit Improvisation städtebaulichen Wende Architektur
Shrink to fit improvisação transformação urbana arquitetura

„Shrink to fit“ (stf) wurde von den vier Architekturbüros Behles & Jochimsen, Tobias Engelschall – Oda Pälme, Jessen + Vollenweider und Kühn Malvezzi initiiert. Projektweise entwickeln die Akteure an verschiedenen Orten Konzepte für die jeweiligen urbanen Situationen. Im August 2004 lud mich die Forschungsgruppe zu einer Sommerschule in Magdeburg ein. Der folgende Beitrag ist eine Art Remix des Vortrags, den ich bei diesem Workshop hielt und der die spezifische Arbeitsweise von stf in den Kontext einer urbanistischen Wende zu stellen sucht. Die stakkatohafte Form des Textes kann als manifestartige „Anleitung zur Praxis“ gelesen werden.

Shrink to fit (stf) foi iniciado por quatro escritórios de arquitetura: Behles & Jochimsen, Tobias Engelschall – Oda Pälme, Jessen + Vollenweider e Kühn Malvezzi. Esses atores desenvolvem conceitos em forma de projetos para cada uma das situações urbanas de distintos lugares. Em agosto de 2004, o grupo de pesquisa de uma escola de verão convidou-me para ir a Magdeburgo. A colaboração a seguir é uma espécie de remix de minha conferência naquele workshop, que tenta apresentar as formas de trabalho específicas do stf no contexto de uma transformação urbanística. O texto, no formato de staccato, pode ser lido como “instruções para a prática”, características do manifesto.

NEW SPACES OF ACTION AND PLAYING FIELDS - Shrink to fit. Improvisation as a mental model of urban transformation | Shrink to fit (stf) was started by four architecture firms: Behles & Jochimsen, Tobias Engelschall – Oda Pälme, Jessen + Vollenweider and Kühn Malvezzi. These players developed concepts of designs for each urban situation in different places. In August 2004, the research group of a summer school invited me to visit Magdeburg. The following contribution is a kind of remix of my conference at that workshop, which endeavours to present the specific forms of stf work in the context of urban transformation. The text in staccato format can be considered as “practical instructions” characteristic of the manifesto. | Shrink to fit, improvisation, urban transformation, architecture

*Transporte Coletivo
Öffentliche Verkehrsmittel
OPAVIVARA!, 2010*

Orte lesen

Der phänomenologische Ruf: „Zu den Sachen!“ beinhaltet das Abarbeiten eines bekannten Widerspruchs: Je näher wir an etwas heranzoomen, desto komplexer und schwerer darstellbar ist dieses Etwas. Dies gilt natürlich auch für das Phänomen Stadt – sie ist zu keiner Zeit ein abgeschlossenes Produkt, das sich beliebig heranzoomen ließe. Wollen Architekten heute Architektur konzipieren, ist deshalb ein neues *Lesen* der Orte notwendig. Nicht nur deren Zeichensysteme gilt es zu entziffern, wie es einst Roland Barthes forderte,¹ vielmehr ist Lesen hier im Sinne praktischer Aneignung, als erhandelte Erfahrung zu verstehen (siehe „Urbane Deutungshorizonte“). Die scheinbar zusammenhangslosen Bewegungen von Stadt, im Sinne ihrer fortwährenden Produktion, können so im Modus der *Improvisation* wieder als das sichtbar gemacht werden, was sie eigentlich sind: polyrhythmische Produktionen von Raum.²

Diese komplexe Struktur ist, und das ist das Wesen von Prozessen, nur *in der* und *als* geschichtliche Zeit lesbar. Gerade heute – in einer Phase des Wenig-bauen-Könnens – kann deshalb die geschichtliche Zeit genutzt werden, um erneut über ein mentales Modell von Architektur und Stadt nachzudenken, das gleichzeitig kontextuell und prozessorientiert ist. Mit der Abwendung von der Fokussierung auf das architektonische Objekt und der Hinwendung auf den weiteren Bezugsrahmen von Architektur, nämlich als Stadt, könnte, so unsere Vermutung, eine *städtebauliche Wende* formuliert werden. Dieser jüngste *turn* – als Transformationsprozess verstanden – stellt dem Lesen eines Raums – im Sinne eines Aldo Rossi, der sein Vertrauen in die Möglichkeit einer Lehre von Architektur damit begründete, „dass die Welt der Formen ebenso logisch und präzise zu bestimmen ist wie jeder

Ler lugares

O apelo fenomenológico “Rumo às coisas!” inclui a confrontação com uma conhecida contradição: quanto mais nos aproximamos de algo, mais complexo e difícil se torna representar esse algo. Isso naturalmente também se aplica ao fenômeno da cidade – nunca um produto acabado que permite o *zoom* facilmente. Para que arquitetos concebiam arquitetura hoje, é necessária uma nova *leitura* dos lugares. Não só seu sistema de signos deve ser decifrado, como já incentivou Roland Barthes,¹ mas também a leitura aqui tem sentido de apropriação prática, experiência negociada (ver “Horizontes de Interpretação Urbana”). Os movimentos aparentemente desconexos da cidade, sua produção permanente, podem então, no modo da *improvisação*, tornarse novamente visíveis como o que de fato são: produções de espaço polirrítmicas.²

Essa estrutura complexa só é legível *no* e *como* tempo histórico, e nisso se constitui a essência dos processos. Atualmente – na fase do conseguir-construir-menos – o tempo histórico pode, portanto, ser utilizado para se refletir novamente a respeito de um modelo mental de arquitetura e cidade, que é simultaneamente contextual e processual. Com a retirada do foco sobre o objeto arquitetônico e seu direcionamento a outro quadro de referência da arquitetura, ou seja, a própria cidade, é que poderia ser formulada, de acordo com nossa suposição, uma *transformação urbanística*. Esse *giro* recente, entendido como processo de transformação, opõe um não-poder-ler à leitura do espaço – fundamentada em Aldo Rossi, que justificou sua convicção na possibilidade de um ensino da arquitetura através do argumento de que “o mundo das formas pode ser igualmente determinado com lógica e precisão, assim como qualquer outro aspecto do fenômeno arquitetônico”.³

andere Aspekt des architektonischen Phänomens“³ – ein Nicht-lesen-Können gegenüber.

Das Denken in Prozessen impliziert jedoch nicht, dass auf das gebaute Objekt kein Bezug mehr genommen wird. Im Gegenteil: Es wird über das Objekt hinaus gedacht. Hinter dem Lesen liegt ein Interesse verborgen, den Ort zu transformieren und gleichzeitig nicht hinter sich selbst zurückzugehen. Gleichzeitig muss ich aber wissen, dass mir das Lesen verstellt bleibt. Das heißt, dass Bedeutungszuschreibungen immer provisorischer Natur sind, was jedoch nichts über die Dauer ihrer Wirkung aussagen muss. Der Schluss, der hieraus für die Gestaltung zu ziehen ist, lautet: Mittel für die Transformation können nur die Instrumente der Intervention sein – aber trotzdem bescheiden.

O pensamento em processo não implica, entretanto, que já não sejam feitas referências ao objeto construído. Ao contrário: é a partir do objeto que se pensa para além dele. Por trás da leitura, está o interesse de transformar o lugar e de, ao mesmo tempo, retornar sempre a um ponto atrás de si. Também devo saber, no entanto, que a leitura me permanece vedada. Ou seja, que as atribuições interpretativas são sempre de natureza provisória, o que, entretanto, nada afirma obrigatoriamente sobre a duração de seus efeitos. A conclusão possível aqui para a formação (*Gestaltung*) é: os meios para a transformação só podem ser os instrumentos da intervenção – mas, ainda assim, moderados.

Opa ao vivo na Praça Tiradentes
Opa live in Tiradentes Platz
OPAVIVARÁ!, 2012



Schnell schalten

Es geht um eine Technik, die weder auf Standards verzichtet noch die Kontingenz städtischer Prozesse ignoriert. Eine Technik also, die auch um die Operationen Anbau, Aufbau, Abriss weiß. Das sind drei verschiedene Regler, die zunächst einmal simpel erscheinen. Um komplex handeln zu können, ist es notwendig, zunächst zu simplifizieren – um dann ortsspezifisch und zeitspezifisch in Echtzeit agieren zu können, sprich den Regler zu drehen. Das verstehe ich unter Improvisation: Urteilkraft in *real time* und kein *anything goes*. Ich muss schnell schalten, deshalb muss ich mich vorher informieren, muss Kataloge machen, sammeln, lesen.

Für mich gilt das grundsätzlich, unwichtig, ob es sich um Architektur oder eine andere Disziplin handelt. Ich schätze dieses Verfahren als strukturierten Versuch, unterschiedliche Modi zu erzeugen, neue Sprachkataloge, neue Bildkataloge, um darüber zu einem anderen Blick auf die Stadt zu kommen. Es geht um das Verbinden der drei Operationen mit dem improvisatorischen Potenzial: Entscheidend ist die Beobachtung, welches Potenzial einem Ort, einer Situation, einem Prozess innewohnt. Um dieses erkennen zu können, muss ich zum einen den Ort selbst lesen und zum anderen das lesen, was uns unser kulturelles Gedächtnis ermöglicht.⁴ Hierbei sind Typologien ein Werkzeug, nicht Selbstzweck!

So beobachten wir bei Oswald Mathias Ungers aufgrund der Idealisierung eines argumentativen Rahmens einen Letztbegründungsanspruch, von dem ich aber annehme, dass er heute nicht mehr existiert. Und das ist genau die Stelle, an der neu anzusetzen ist: den Letztbegründungsanspruch aufgeben, ohne aber auf das Objekt zu verzichten. Es geht aber nicht mehr um das Objekt als Form, sondern um das Potenzial, das in der Materialität

Adaptar rápido

Trata-se de uma técnica que não abdica de padrões nem ignora a contingência dos processos urbanos. Técnica, portanto, que também está relacionada às operações de ampliação, construção, demolição (*Anbau, Aufbau, Abriss*). São três reguladores distintos, que a princípio parecem simples. Para poder agir de maneira complexa é importante simplificar primeiro – e, então, atuar de acordo com as especificidades do tempo e do lugar no momento exato, ou seja, dar o giro no regulador. É isto que eu entendo por improvisação: capacidade de decidir em *tempo real* e nada de *seja como for*. Tenho que me adaptar rápido, por isso antes preciso me informar, catalogar, reunir, ler.

Para mim basicamente não importa se estamos tratando de arquitetura ou de outra disciplina. Avalio esse processo como tentativa estruturada de gerar diferentes modos, novos catálogos de língua, novos catálogos de imagens, para a partir daí chegar a outra visão da cidade. Trata-se de conectar as três operações com o potencial improvisacional: decisiva é a observação de que potencial habita o interior de um lugar, uma situação, um processo. Para reconhecer isso, devo ler para alguém do próprio lugar e ler para outros o que nossa memória cultural nos possibilita.⁴ Aqui, tipologias constituem uma ferramenta, não objetivo em si!

Assim observamos em Oswald Mathias Ungers, em razão da idealização de um quadro argumentativo, a pretensão de fundamentação última (*Letztbegründungsanspruch*), a partir da qual eu, entretanto, assumo que atualmente ela já não existe. E este é exatamente o ponto para um novo posicionamento: desistir da pretensão de fundamentação última, mas sem desistir do objeto. Já não se trata mais do objeto como forma, mas

des Objekts begründet liegt. Diese Materialität lässt sich nicht auf empirische Fakten reduzieren, sondern ist die Performativität der relationalen Anordnung der Elemente, die sich wieder neu arrangieren, zusammenfügen lassen.

Aus dieser Sicht wird Improvisation als mentales Modell relevant, das sich aus der Praxis selbst speist. Auf eine Kurzformel gebracht, bedeutet dies, in Abwandlung eines Zitats von Jean-Philippe Vasall: Standards nutzen, Standards produzieren und nicht-standardisiert denken.

Handeln

Die Situationisten haben, ebenso wie die Künstlergruppe „COBRA“ oder auch die Smithsons vor allen Dingen auf die Ursprünglichkeit des kindlichen Spiels rekurriert (siehe „Stadt als Handlung“). Die Idee damals: So wie Kinder sind, so wollen wir sein. Dahinter stand eine Suche nach Authentizität, die für die Zeit der 60er Jahre vielleicht adäquat war, aber heute naiv anmutet: Ich kann nicht das Kindsein als Letztbegründungsanspruch für meine Unwissenheit oder Unmittelbarkeit gebrauchen, denn damit begeben mich in eine rückwärtsgewandte Haltung.

Es gilt, dies zu überschreiten und nicht in die Vergangenheit zurückzufallen, sondern im Jetzt die Vergangenheit als Möglichkeit für Zukünftiges nutzbar zu machen. Und eben dies hat das bekannteste Mitglied von „COBRA“, Constant, später getan, indem er begonnen hat, seine Handlung in Konstruktion zu betten (siehe „Stadt als Handlung“). Diese Handlung ist zum einen künstlerische Handlung und zum anderen ein Handlungsangebot eines neuen Lesens von Stadt. Das ist die Überführung von Konstruktion und Handlung in einen Raum, der Handlung als Konstruktion akzeptiert.

como potencial que reside fundamentalmente na materialidade do objeto. Essa materialidade não pode ser reduzida a fatos empíricos; em vez disso, o que está em jogo é a performatividade da ordem relacional dos elementos que se rearranjam, se deixam reconfigurar. Dessa perspectiva, a improvisação torna-se relevante enquanto modelo mental que se alimenta da própria prática. Em suma, isso significa, adaptando uma citação de Jean-Philippe Vasall: utilizar padrões, produzir padrões e pensar de maneira não padronizada.

Agir

Os situacionistas recorreram sobretudo, assim como o grupo de artistas Cobra ou também os Smithsons, a coisas relacionadas ao caráter original do jogo infantil (ver “Cidade como ação”). A ideia de então: queremos ser como as crianças. Por trás disso havia uma busca de autenticidade, que para os anos 60 talvez fosse adequada, mas hoje parece ingênua: não posso utilizar o ser criança como pretensão de fundamentação última para minha ignorância e imediatez, já que dessa forma me encontro numa postura de retrocesso.

Deve-se superar isso, evitar recair no passado e, em vez disso, explorar no presente sua possível utilidade para o futuro. Justamente o que Constant, membro mais conhecido do Cobra, fez depois, ao começar a direcionar sua ação para a construção (ver “Cidade como ação”). Essa se tornou uma ação artística e proposta de ação de uma nova leitura da cidade. Trata-se da introdução da construção e ação em um espaço que aceita a ação como construção.



Opa ao vivo na Praça Tiradentes
Opa live in Tiradentes Platz
OPAVIVARÁ!, 2012

Provisorium

Wenn wir auf die Selbstbezüglichkeit verzichten, ist dies also kein Zurücktreten hinter die Moderne, sondern wir tragen allein der Veränderung der aktuellen Lage Rechnung. Gab es für die Innovativen von Superstudio oder den Smithsons noch die große Erzählung der Emanzipation, so ist die universalistische Logik der klassischen Emanzipation heute *ad acta* gelegt. Diese Überwindung ist jedoch genau die Bedingung für eine Emanzipation im Plural.

Provisório

Abdicar da autorreferencialidade não significa retroceder a um ponto atrás do moderno, mas apenas fazer justiça à mudança da condição atual. Se antes havia o grande conto da emancipação para os inovadores do Superstudio ou para os Smithsons, hoje a lógica universal da emancipação clássica foi posta *ad acta*. Essa superação é, no entanto, a exata condição para uma emancipação no plural.

Es ist Zeit, die Inhalte der Emanzipation freizulegen und auf neue Weise zu reartikulieren. So wird Universalismus als *gap* qua Entleerung zum positiven Grund als Horizont: „Es ist der Unterschied zwischen Grund und Horizont, der, wie ich denke, uns in die Lage versetzt, die Veränderungen im ontologischen Status emanzipatorischer Diskurse und allgemein Metanarrative im Übergang von der Moderne zur Postmoderne zu verstehen. (...) Ein Horizont ist dann ein leerer Ort, ein Punkt, an dem Gesellschaft ihre eigentliche Grundlosigkeit symbolisiert, in dem konkrete argumentative Praktiken vor einem Hintergrund radikaler Freiheit, radikaler Kontingenzer operieren.“⁵

Dies ist der springende Punkt: Eine Praxis der Improvisation, die das Provisorium nicht als zu Bewältigendes begreift, sondern als Status quo. Entspreche dies nicht einer Hegelschen *List der Vernunft*, die die Möglichkeit jeglicher universalistischer Effekte zunichte macht? Was geschieht, wenn soziale Akteure nur noch partikularistische Ziele verfolgen? Demgegenüber steht eine Form des Verhältnisses zwischen Universalismus und Partikularismus, die sich aus Bewegungen konstituiert, die innerhalb des Systems von Alternativen erscheint, die gleichzeitig von ihnen produziert werden.

Spiel-Karten

Die Künstlergruppe der Situationistischen Internationale hat Wunderbares geleistet, weil sie gezeigt hat, dass jeder individuell seine Subsysteme und seine Inseln in der Stadt konstruiert. Diese persönliche Kartografie nenne ich *body-script*. Ein Körper ist dabei Teil einer umfassenden und gleichzeitig spezifischen Raumproduktion. Karten dienen nicht allein der Orientierung, sondern auch dem symbolischen Gehalt zwecks Erzeugung von

É tempo de libertar os conteúdos de emancipação e rearticulá-los de uma nova forma. Dessa maneira, o universalismo, como *intervalo* que causa esvaziamento, torna-se fundamento (*Grund*) positivo enquanto horizonte: “É a diferença entre fundamento e horizonte que, penso eu, nos possibilita entender mudanças no *status* ontológico do discurso emancipatório e as metanarrativas em geral na transição do moderno ao pós-moderno. (...) Um horizonte é portanto um lugar vazio, um ponto em que a sociedade simboliza sua verdadeira falta de fundamento, em que práticas argumentativas operam sobre um pano de fundo de liberdade radical, de contingência radical”⁵.

Este é o ponto crucial: uma prática da improvisação que não concebe o provisório como algo a ser resolvido, mas como *status quo*. Isso não corresponderia a uma *astúcia da razão* (*List der Vernunft*) hegeliana que anula todo efeito universalista? O que ocorre quando os atores sociais perseguem apenas objetivos particularizados? Em contraposição está uma forma do comportamento situada entre o universalismo e o particularismo, que é constituída por movimentos, que aparece dentro do sistema de alternativas e que ao mesmo tempo é por elas produzida.

Jogos-mapas

O grupo de artistas da Situacionista Internacional realizou algo maravilhoso, porque demonstrou que todo indivíduo constrói seu subsistema e sua ilha na cidade. Nomeio essas cartografias pessoais *body-script*. Um corpo é, assim, parte de uma produção espacial simultaneamente abrangente e específica. Mapas não são apenas para orientar, mas também servem ao conteúdo simbólico na produção de coerência. De forma inversa, mapas podem recorrer aos modelos simbólicos para a

Kohärenz. Umgekehrt können Karten Symbolmodelle zum Lesen von Stadt zur Hilfe nehmen und selbst produzieren. Eine Kreuzung wird dann beispielsweise erst einmal als Kreuzung identifiziert und nicht unbedingt als „Friedrichstraße Ecke Kochstraße“. Symbolmodelle wären dann definiert als Idealtypen von Gegenständen, die sich zur Interpretation der Bedeutung eines Gegenstandes anwenden lassen.

Erweiterte Symboltaktiken

In diesem Kontext wird der Begriff des Symbols wichtig. Aldo Rossi sagte über die Bedeutung des Symbolischen in der Architektur: „Damit meine ich nicht die Vorstellung der Funktionalisten, dass Form Funktion folgt und also gewissermaßen deren sichtbares Symbol ist, ich denke vielmehr an die Revolutionsarchitekten, und an die russischen Konstruktivisten, auch Architekten einer Revolution, dass gerade bei ihnen das Bedürfnis besteht, der Architektur Zeichencharakter zu geben, scheint darauf hinzuweisen, dass in solchen entscheidenden Augenblicken der Geschichte die Architektur Symbol für den Aufbruch in eine neue Zeit sein will und damit unmittelbar auch ein sie konstituierendes Element sein will.“⁶ Und sie will es nicht nur, sie ist es auch. Diese Argumentation schließt direkt an die Transformationsstheorie⁷ des Erziehungswissenschaftlers Jack Mezirow an, die auf die Funktion von Symbolmodellen rekurriert. Mezirow entwickelt die These, dass das, was wir uns aneignen, Symbolmodelle, Vorstellungen und Erwartungshaltungen sind. Das Symbol spannt den Zwischenraum der Vermittlung zwischen Signifikant und Signifikat auf. „Der Bedeutungsgehalt eines Symbols betrifft weniger die Vorstellungen von der Wirklichkeit als vielmehr die eigentliche Wahrnehmung der Wirklichkeit selbst.“⁸ Es entfaltet sich hier jener Deutungshorizont, der in den Symbolen

leitura da cidade e para sua própria produção. Então, um cruzamento, por exemplo, seria identificado pela primeira vez como cruzamento, e não necessariamente como “esquina da Friedrichstraße com a Kochstraße”. Modelos simbólicos seriam então definidos como tipos ideais de objetos, aos quais se poderia recorrer para a interpretação do significado de um objeto.

Táticas simbólicas expandidas

Nesse contexto, o conceito de símbolo torna-se importante. Aldo Rossi afirmou sobre o significado do simbólico na arquitetura: “Com isso não quero expressar a visão dos funcionalistas, de que a forma segue a função e, até certo ponto, é também seu símbolo visível. Penso muito mais nos arquitetos revolucionários, e nos construtivistas russos, também arquitetos de uma revolução, e no fato de que justamente neles se encontra a necessidade de fornecer um caráter de símbolo à arquitetura. Isso parece indicar que, nesses momentos decisivos da história, a arquitetura quer servir de símbolo para o despontar de um novo tempo e com isso também deseja ser diretamente um elemento constituinte.”⁶ E não apenas o quer; também o é. Essa argumentação vincula-se diretamente à teoria da transformação⁷ do pedagogo Jack Mezirow, que recorre à função dos modelos simbólicos. Mezirow desenvolve a tese de que as coisas de que nos apropriamos são modelos simbólicos, representações e posturas de expectativa. O símbolo expande o espaço de mediação entre significante e significado. “O conteúdo significativo de um símbolo está menos relacionado à representação da realidade, e muito mais à própria percepção da realidade”⁸. O horizonte de significado presente nos símbolos se desdobra aqui: símbolos intermedeiam a formação da experiência e do próprio sentido objetivo de realidade.



*Transporte Coletivo
Öffentliche Verkehrsmittel
OPAVIVARÁ!, 2010*

ist: Symbole vermitteln die Bildung von Erfahrung und den objektiven Wirklichkeitssinn selbst.

Das ist genau der Typologiebegriff, mit dem die Architekturgruppe „shrink to fit“ operiert: Der Typus ist ein Symbolmodell, ein Impuls, um so aus dem kulturellen Gedächtnis herauszugreifen und handeln zu können.

Die Symbolmodelle bieten mehrere Deutungsfunktionen. Eine davon besteht darin, uns Schemata zur Einordnung in Bezug auf Eigenschaften wie Richtung, Dimension und Abfolge zur Verfügung zu stellen. Schemata also, die es uns ermöglichen, Unterscheidungen hinsichtlich Raum, Richtung, Struktur sowie der zeitlichen Eingrenzung

Este é exatamente o conceito de tipologia com o qual opera o grupo de arquitetura “shrink to fit”: o tipo é um modelo simbólico, um impulso, para possibilitar lançar mão da memória cultural e agir.

Os modelos simbólicos oferecem mais do que funções de significado. Uma delas é colocar a nosso dispor esquemas de ordenamento referentes a propriedades como direção, dimensão e sequência. Ou seja, esquemas que nos possibilitem realizar diferenciações relacionadas a espaço, direção e estrutura, assim como a limitações temporais de um acontecimento. Uma segunda função do modelo simbólico é nos colocar em condição de abdicar do juízo de valor. Quer dizer, por um lado

eines Ereignisses vorzunehmen. Eine zweite Funktion des Symbolmodells besteht darin, uns in die Lage zu versetzen, Werturteile abzugeben. Das heißt, dass wir zum einen unsere Urteilskraft am Symbolmodell abarbeiten und zum anderen das Symbolmodell als Horizont für die Urteilsbildung heranziehen.

Die dritte Funktion schließlich dient dazu, Kategorisierungen zu ermöglichen. Der Linguist George P. Lakoff⁹ fasst so die gängigsten Vorstellungen, mit denen wir vertraut sind: Vorstellungen der Dinge, etwa „Stuhl“, „Haus“, „Hund“, „Treppe“ oder Ereignisse: „Spiel“, „Kampf“ oder auch Zustände wie „Träumen“, „Lesen“ oder „Handeln“. Diese Symbolmodelle geben uns den Link zwischen übergeordneten Kategorien und speziellen Arten von Ereignissen, Zuständen, Dingen. Erst anhand von Symbolmodellen haben wir Zugriff auf Prozesse. Dies vor allem deshalb, weil es sich um eine Metaverbindung handelt. Das Verarbeiten der Symbolmodelle findet als Prozess statt: als Scharfstellen, als Wahrnehmen des Umfelds, als Überlagerung und Verschiebung der Startpunkte.

Das unterstützt uns dabei, über die Hilflosigkeit gegenüber einer offenen Situation hinauszukommen. So gesehen stellen dann städtische Prozesse wie Schrumpfung oder Gentrifizierung nicht nur einen zeitgenössischen, sondern einen grundlegenden Fakt als zu re-arrangierendes Material dar. Das eine setzt wiederum anderes frei. Daraus folgt eine permanente Transformation, die für uns jedoch, um auf das Anfangsthema zurückzukommen, sehr schwer lesbar ist. Deshalb brauchen wir diese Symbole nicht als abgeschlossenen Deutungs-, sondern als Hilfshorizont.

Lakoff erklärt die symbol-immanente Dynamik wie folgt: „Angeborene und sehr allgemeine imaginative Fähigkeiten kennzeichnen abs-

executamos nossa capacidade de julgamento em modelos simbólicos e, por outro, aproximamos o modelo simbólico como horizonte para a formação do juízo.

A terceira função, finalmente, serve para possibilitar a categorização. O linguista George P. Lakoff⁹ resume assim as representações correntes com as quais estamos acostumados: ideias das coisas, como “cadeira”, “casa”, “cachorro”, “escada”, ou dos acontecimentos, “jogo”, “luta”; ou ainda estados, como “sonhos”, “leitura” ou “ação”. Esses modelos simbólicos nos fornecem o *link* entre categorias hierarquicamente superiores e tipos especiais de acontecimentos, estados, coisas. Só através de modelos simbólicos temos acesso aos processos. Isso sobretudo porque se trata de uma metaligação. O processamento dos modelos simbólicos ocorre como processo: como estabelecimento de foco, percepção do meio, sobreposição e deslocamento do ponto de partida.

Isso nos fornece apoio para sair da vulnerabilidade de uma situação em aberto. Vistos dessa forma, os processos urbanos tais como retração ou gentrificação não se apresentam apenas como fato contemporâneo, mas como fato básico e material a ser rearranjado – o que, por sua vez, levanta outra questão. Disso decorre uma permanente transformação que é, entretanto, de difícil leitura para nós, para retomar o tema inicial. Por isso precisamos desses símbolos não como significados definidos, mas como horizontes de apoio.

Lakoff esclarece a dinâmica imanente do símbolo da seguinte forma: “Capacidades inatas e imaginativas muito gerais caracterizam as representações abstratas posto que as conectam a modelos simbólicos imagético-esquemáticos e representações de nível básico. Por meio desses processos imaginativos são produzidos modelos

trakte Vorstellungen, indem sie diese mit image-schematischen Symbolmodellen und konkreten Grundniveauvorstellungen verknüpfen. Durch diese imaginativen Prozesse werden kognitive Modelle erstellt.“¹⁰ Damit wird klar – und das ist jetzt das Entscheidende –, dass Erfahrung mehr eine Handlung als ein Gedanke ist. Diese erhandelte Erfahrung ist die Grundfigur. Wir erfahren symbolische Eigenschaften und bilden uns die Welt, indem wir danach handeln.

Das ist genau das, was auch hinter der städtebaulichen Wende steht: mit Modellen Handlungsräume zu eröffnen, die dann improvisatorisch benutzt werden können. Improvisatorisch deshalb, weil kein Letztbegründungsanspruch besteht auf das, was letztlich erhandelt werden soll. Man kann also sagen, dass Improvisation für die Architektur auch eine Interventionsform darstellt. Laut Transformationstheorie stellt bewusste Wahrnehmung keinen inneren Zustand dar, sondern ist vielmehr Form des Handelns, durch den die Eigenschaften der Symbolmodelle als Objekte der Erfahrung aktualisiert werden. Das bedeutet konkret für die Architektur: Es ist sinnvoll, die Typologiearbeit der 60er Jahre in einen neuen Modus der zeitbasierten Handlung einzufügen.

Coherent state

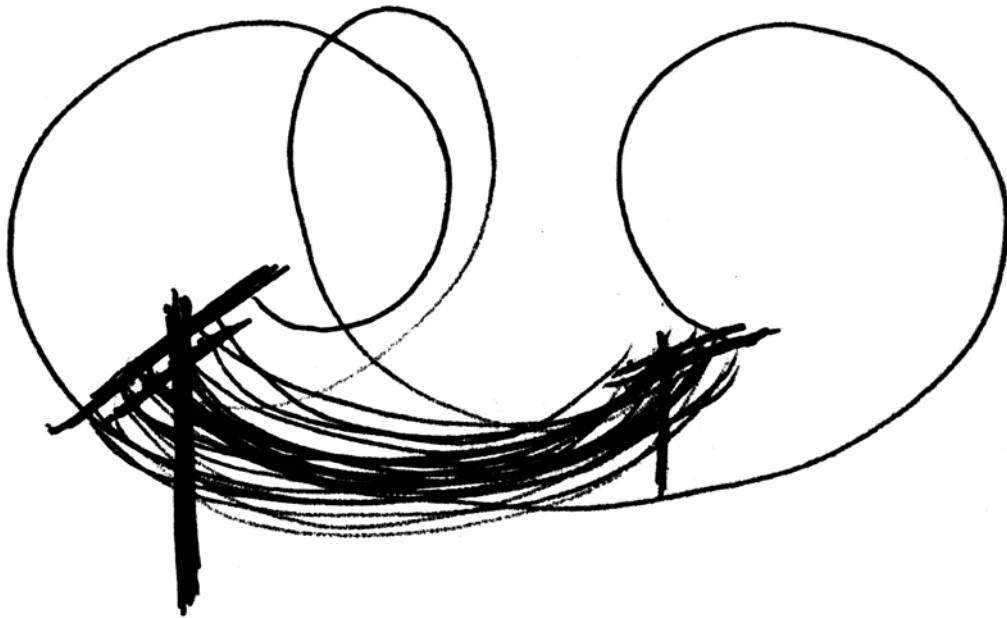
Aus der aktuellen Praxis wird immer klarer, dass die direkte, umfassende Steuerung als Planungsinstrument der Architekten nicht mehr funktioniert. Ungers konstatiert zu Recht: „Geblichen ist ein unüberschaubarer, kaum noch steuerbarer Apparat, der zu immer größeren Auswüchsen und Auflösungen tendiert.“¹¹ Wir können Stadt nicht mehr nach dem alten mentalen Modell lenken oder steuern. Es muss uns also darum gehen, uns in die Bewegung der Stadt hineinzugeben. Anders

cognitiven.“¹⁰ Com isso evidencia-se – e isso é agora decisivo – que a experiência é mais uma ação do que um pensamento. Essa experiência indefinida é a peça fundamental. Experimentamos características simbólicas e formamos uma imagem de mundo, no qual depois agimos.

É exatamente isto que está por trás da transformação urbana: através de modelos, abrir espaços de ação que podem ser utilizados de forma improvisada. Improvisada porque não há pretensão de fundamentação última sobre aquilo que deve, por fim, ser trabalhado. Pode-se assim afirmar que a improvisação representa também para a arquitetura uma forma de intervenção. De acordo com a teoria da transformação, a percepção consciente não representa estado interno algum, mas é muito mais forma de ação, através da qual as características dos modelos simbólicos são atualizadas como objeto da experiência. Concretamente, para a arquitetura, isso significa: faz sentido incluir o trabalho tipológico dos anos 60 em um novo modo de ação com base no tempo.

Estado Coerente

Através da prática atual, torna-se cada vez mais claro que a gestão direta, abrangente, como instrumento de planejamento dos arquitetos não funciona mais. Ungers constata, com razão: “Restou um aparato do qual não se pode ter uma visão de conjunto, que mal se pode gerir e que tende sempre a cada vez maiores excessos e dissoluções.”¹¹ Não podemos mais dirigir ou administrar a cidade de acordo com o velho modelo mental. Devíamos nos preocupar em ir ao encontro do movimento da cidade. Dito de outro modo: da impossibilidade de gerência surge a pergunta sobre a ação adequada. Apenas se pergunta sobre aquela ação que está *em condições* de produzir



Curto-círculo, Nanquim sobre papel
Kurzschluss, Tusche auf Papier
Tahian Bhering, 2010

gesagt: Aus der Nicht-Steuerbarkeit heraus stellt sich die Frage nach dem adäquaten Handeln. Nur noch dasjenige Handeln ist gefragt, das *in der Lage* ist, diejenigen Improvisationen zu erzeugen, die adäquat sind. Wobei die Adäquatheit aus der Situation selbst heraus zu bestimmen ist.

Wie aber wird heute Kohärenz erzeugt? Wie schafft man Kohärenz in diesem sich ständig transformierenden urbanen Feld? Interventionen zu erzeugen, kann doch nicht heißen, einfach irgendwo eine Szenografie im Stadtraum herzustellen. Es besteht vielmehr der Wunsch, etwas zu machen, das lesbar ist und einen Impuls setzt, eine Kohärenz erzeugt, die sich weiterentwickeln kann. Ich möchte hierfür den Begriff des *coherent state* einführen. Wir können dann von dem Versuch der Erzeugung eines *coherent state* durch das Mittel der Improvisation sprechen. Improvisation erzeugt Handlung

improvisações adequadas. Embora a adequação deva ser determinada a partir da própria situação.

Mas como se produz coerência hoje? Como lograr coerência nesse campo urbano em constante transformação? Produzir intervenções não deve significar simplesmente produzir uma cenografia em qualquer lugar no espaço da cidade. É muito mais o desejo de fazer algo que seja legível e que gere um impulso, uma coerência que pode continuar se desenvolvendo. Desejo introduzir aqui o conceito do *coherent state*. Podemos então falar da tentativa de criação de um *coherent state* por meio da improvisação. A improvisação gera ações que são adequadas sob dois pontos de vista. Por um lado, são adequadas num contexto situacional; por outro, com relação aos sujeitos do grupo produtivo e às ações subsequentes. Isso também deve ser estendido à produção. Já que levamos a sério

gen, die in zweierlei Hinsicht adäquat sind. Adäquat sind sie zum einen dem situativen Kontext, zum anderen den Subjekten der produzierenden Gruppe und den folgenden Handlungen gegenüber. Es ist dies jedoch auch über die Produktion hinaus auszudehnen. Denn wenn wir Rossi und die Deutung der Stadt als Artefakt,¹² als Erscheinung, als tatsächliches Dasein des Produzierten ernst nehmen, dann reicht Produktion allein hier nicht weit genug. Es muss um Performanz gehen. Das tatsächliche Dasein im Raum ist etwas Performatives: Es spricht uns als Produziertes, Dargestelltes und Erhandeltes an. Dies wäre, wie gesagt, nicht auf rein empirische Faktizität zu verkürzen. Aus dem Dokumentieren, Lesen und Interpretieren der Situation und der in ihr stattfindenden Handlungen erwächst vielmehr in der Zeit eine Raumtypologie, die eine generative Handlungsgrammatik hervorruft. Und das ist genau das, was „shrink to fit“ macht: generative Handlungsgrammatik an eigens produzierten Katalogen entwickeln.

Auf diese Weise wird Jean-Nicolas-Louis Durand als Referenz für generative Praxis wieder fruchtbar gemacht. Der französische Architekt und Theoretiker Durand war nicht nur eine wichtige Figur des Neoklassizismus. Er entwickelte eine aus heutiger Sicht strukturalistische Methode, einfache modulare Elemente zu unterschiedlichen Typenbauten zu kombinieren. Durand lieferte durch seine Analysen sozusagen spezifische, aber allgemeine Ideen, aus denen sich besondere Ideen ableiten lassen sollten. Geometrische Eigenschaften von Grund- und Aufrissen unterschiedlicher Gebäude wurden in ihren geometrischen Eigenschaften katalogisiert, ihre zugrunde liegenden Entwurfsverfahren sowie die Schemata nach denen sie organisiert sind aufgezeigt. Generativ wurde die Typologie dadurch, dass sich aus den Grundregeln eine unendliche Zahl von situationsspezifischen

Rossi e o significado da cidade como artefato,¹² como aparecimento (*Erscheinung*), como ser-aí (*Dasein*) de fato do produzido, então a produção sozinha não é suficiente o bastante. Deve-se tratar de performance. O ser-aí de fato no espaço é algo performático: nos interpela como algo produzido, representado e trabalhado. Isso não deveria, conforme afirmamos, ser reduzido à pura factibilidade empírica. Da documentação, leitura e interpretação da situação e das ações que nela se apresentam, surge uma tipologia espacial que resulta numa gramática gerativa da ação. E isso é exatamente o que “shrink to fit” faz: desenvolver uma gramática gerativa da ação a partir de catálogos produzidos por eles mesmos.

Dessa forma, Jean-Nicolas-Louis Durand revela-se novamente referência frutífera para práticas gerativas. O arquiteto e teórico francês não foi apenas uma figura importante do neoclassicismo. Ele desenvolveu um método, segundo a visão atual, estruturalista, para combinar elementos modulares simples de diferentes tipos construtivos. Por meio de suas análises, Durand aportou ideias ditas específicas, mas gerais, a partir das quais se derivaram ideias particulares. Características geométricas de plantas baixas e vistas no plano vertical de diferentes edifícios foram catalogadas de acordo com seus padrões; mostram-se seus processos iniciais de esboço, assim como a esquematização de acordo com a qual foram organizados. A tipologia se torna gerativa porque, através das regras básicas, deriva um número infinito de variações de situações específicas. A novidade residia menos na técnica construtiva do que no modo através do qual se pensava e organizava: para Durand, a história da construção era interessante sobretudo pela relação com a aquisição de regras processuais.¹³ Traduzindo isso para o princípio contemporâneo da cidade performática: as

Variationen ableiten ließen. Das Neuartige daran lag also weniger in der Konstruktionstechnik, sondern in dem Modus, in dem gedacht und organisiert wurde: Baugeschichte war für Durand vor allem im Bezug auf die Gewinnung von Verfahrensregeln interessant.¹³ Das heißt übertragen auf den zeitgenössischen Ansatz der performativen Stadt: Die Regeln entstehen aus dem Verfahren heraus – die Performanz des Verfahrens ist nicht nur an Strukturen gebunden, sondern produziert diese auch mit.

Es geht um eine Typologie, die es ermöglicht, den Raum adäquat zu bespielen und gleichzeitig mitzuproduzieren. Die Handlungsgrammatik der Improvisation ist eine besondere, weil sie generativ agiert. Sie erstellt aus dem Grad der Adäquatheit ihre eigene Kohärenz. Wir können in diesem Zusammenhang deshalb von Handlungsgrammatik sprechen, weil anhand dieses Begriffes die Position der Improvisation zwischen den Improvisationsteilnehmern und dem zu bespielenden Raum als ein Ereignis in der Zeit beschrieben werden kann. Die Kohärenz liegt in diesem Kontext weder in allein äußerlichen Prozessen oder performativen Regelwerken noch allein im Improvisationssubjekt. Vielmehr birgt die Improvisationssituation ein inneres Produktionssystem, das in der Weise strukturiert ist, dass es kohärente, adäquate Produkte hervorbringt. Über dieses Verfahren zu reden, es offenzulegen, macht den Unterschied.

Dies ruft auch ein verändertes Selbstverständnis des Architekten hervor. So verstand sich Ungers noch als autonomer Künstler, der nicht über den generativen Prozess spricht und sich dadurch selbst mythologisiert. Ungers geht es nicht um einen Prozess ins Zukünftige, sondern um den rückwärts gewandten Bezug zur platonischen Welt der Ideen. Entwerfen heißt hier, eine Verbindung zu „Urformen“ zu schaffen, denen eine platonische

regras surgem dos processos – a performance do processo não está apenas atada a estruturas, mas também é capaz de as coproduzir.

Trata-se de uma tipologia que possibilita reproduzir o espaço adequadamente e ao mesmo tempo coproduzi-lo. A gramática de ação da improvisação é uma gramática particular, porque age de forma gerativa. A partir do grau da adequação, ela cria sua própria coerência. Por isso podemos falar em uma gramática da ação nesse contexto, porque lançando mão desse conceito pode-se descrever a posição da improvisação entre os participantes da improvisação e o espaço a ser reproduzido como um acontecimento no tempo. A coerência, nesse contexto, não está apenas nos processos externos ou nas obras de regras performativas, nem no sujeito de improvisação unicamente. A situação de improvisação compreende muito mais um sistema de produção estruturado de tal forma que gera produtos adequados, coerentes. Falar sobre esse processo, expô-lo, faz a diferença.

Isso remete a uma compreensão natural modificada do arquiteto. Assim, Ungers ainda se entendia como artista autônomo, que não menciona o processo gerativo e, dessa forma, mitifica a si próprio. Para Ungers, não se trata de um processo no futuro, mas da referência para trás, voltada para o mundo platônico das ideias. Projetar significa, aqui, fazer uma ligação com “formas originais”, nas quais há uma ordem platônica a ser desvendada. Um princípio adequado ao tempo deve renunciar à atitude do artista. É mais interessante hoje – e nisto se insere “shrink to fit” – desenvolver obras de arte de múltipla autoria. Apenas assim a própria cidade pode tornar-se novamente obra – de arte. Com isso não nos referimos, entretanto, à tentativa de dar identidade às cidades ou aos

sche Ordnung zu entlocken sei. Ein zeitgemäßer Ansatz jedoch hat auf die Attitüde des Künstlers zu verzichten. Es ist heute spannender – und dafür steht „shrink to fit“ –, in multipler Autorenschaft Kunstwerke zu entwickeln. Nur so kann eine Stadt selbst wieder Kunst-Werk werden. Damit meinen wir jedoch nicht den Versuch, Städten bzw. Orten Identitäten zu geben. Im Feld der Improvisation ist ein strenger Begriff von Identität nicht haltbar. Vielmehr handelt es sich um Ähnlichkeiten, Gemeinsamkeiten in der Praxis. Diese sind nicht deckungsgleich, sondern ein Netz relationaler, korrelierender Ähnlichkeiten und Affinitäten. Damit wird auch die Frage der Subjektkonstitution relevant: Im Laufe von Lebenszeit und der Akkumulation von Improvisationsprojekten innerhalb unterschiedlicher Kontexte wirkt die Kohärenz auf das Individuum zurück und erzeugt einen roten Faden jenseits rein gesellschaftlich bestimmter Regelwerke.

Kohärenz kommt aufgrund der situativen, zeitlich begrenzten Beschaffenheit des Produktionssystems zustande. Dieses System ist jedoch nicht selbstreferentiell, sondern offen für Interventionen und Reversibilität. Hier liegt ein anderer Permanenzbegriff vor als bei Rossi.

Man weiß, es besteht nichts mehr, aber man weiß auch, dass es sich unheimlich langsam verändert. Kohärenz ist nicht *a priori* gegeben, sondern erwächst aus der Bewegung der Handlung selbst. Nicht allein das Regelwerk macht die Kohärenz aus, sondern die interaktive Praxis der Subjekte, die Regeln erzeugende Produktion.

Interessant ist: Kohärenz wird meist mit einer Abgleichung von Handlung an ein Außen assoziiert. Wie oben gezeigt, ist Improvisation jedoch auch den Teilnehmenden einer Situation gegenüber kohärent. Das bedeutet, dass die Lebensweise der Individuen in die Handlung mit hineinspielt. Das

lugares. No campo da improvisação, um conceito rígido de identidade não se mantém. Trata-se muito mais de semelhanças ou compartilhamentos na prática. Não se trata do idêntico, mas de uma rede de semelhanças e afinidades relacionais, correlacionadas. Com isso a pergunta sobre a constituição do sujeito torna-se também relevante: com o desenrolar do curso da vida e o acúmulo de projetos de improvisação dentro de diferentes contextos, a coerência volta a agir sobre o indivíduo e gera uma linha lógica para além do conjunto de regras sociais determinadas.

A coerência se estabelece em função da característica situacional, temporalmente limitada, do sistema produtivo. Esse sistema, no entanto, não é autorreferente, mas aberto a intervenções e reversibilidades. Aqui se apresenta outro conceito de permanência diferente daquele de Rossi.

Sabe-se que já não vigora, mas sabe-se também que sua transformação foi lenta e enorme. A coerência não é dada aqui *a priori*, mas surge do próprio movimento da ação. Não apenas o conjunto de regras determina a coerência, mas a prática interativa dos sujeitos, a produção geradora de regras.

Ponto interessante: a coerência geralmente é associada a uma revisão da ação em um exterior. Como demonstrado acima, a improvisação também é coerente com relação aos participantes de uma situação. Isso significa que a forma de vida dos indivíduos também atua dentro da ação. É um grande diferencial do trabalho de “shrink to fit” o fato de que a forma de vida tenha um grande papel no processo com relação ao que vai suceder. Isso também quer dizer que nós mesmos precisamos constantemente trabalhar a transformação de nossa vida.

O domínio da improvisação aumenta e, simultaneamente, sua organização: aprende-

ist ein großes Plus der Arbeit von „shrink to fit“, dass die Lebensweise eine große Rolle spielt für die Verhandlung über das, was passieren soll. Das heißt aber auch, dass wir selbst die Transformation unseres Lebens konstant bearbeiten müssen.

Die Meisterschaft der Improvisation nimmt zu und gleichzeitig deren Organisation: Man lernt Improvisation zu organisieren, neue Strukturen zu schaffen, sich umfassendere, differenziertere Handlungsoptionen anzueignen. Dennoch stehen alle neuen Situationen in engem Zusammenhang mit der Vergangenheit, als Projektion und Möglichkeit von Kohärenz und Authentizität. So erzeugt Improvisation Stabilität erst in der Zeit. Stabilität und Kohärenz der Improvisation bedeuten aber nicht, wie oben gezeigt, dass es sich hier um ein schlüssiges, widerspruchsfreies System von Dispositionen, Ordnungen und Regeln handelt. Denn gerade weil Improvisation auf Veränderung angewiesen ist, ist sie auch für Destabilisierung anfällig. Durch die Fähigkeit, auf Veränderungen zu reagieren und sie selbst mitzuerzeugen, kann Improvisation besser als statische Systeme mit Komplexität umgehen.

„In der Verwebung von Produzierendem und Produziertem unter Einfluss der Interaktion der am Produktionsprozess teilnehmenden Körper entsteht ein komplexes dynamisches, improvisatorisches Feld. Wobei wir in Betracht ziehen müssen, dass die Bedingungen des Produktionsfeldes und dessen ständige, mitunter plötzliche Modifikation aus der Feldstruktur selbst generiert werden. Die Struktur des Feldes ist somit immer an die Positionen der Körper im sozialen Raum gekoppelt.“¹⁴

Man könnte sagen: Improvisation hat keinen Ort, sondern produziert Raum: Sie ist immer nur taktisch. Kann man deshalb nichts Strategisches damit machen? Doch. Improvisation als Technologie

se a organizar a improvisação, a criar novas estruturas, a se apropriar de opções de ação mais abrangentes e diferenciadas. Ainda assim, todas as novas situações permanecem em estreita ligação com o passado, como projeção e possibilidade de coerência e autenticidade. Só assim a improvisação gera estabilidade no tempo. Estabilidade e coerência da improvisação não significam, entretanto, como demonstrado acima, que se trate aqui de um sistema definitivo de disposições, ordens e regras, livre de contradição. Justamente porque é dependente de mudanças, ele também é susceptível à desestabilização. Através da capacidade de reagir a mudanças e de as coproduzir por si mesma, a improvisação pode lidar com a complexidade melhor do que os sistemas estáticos.

“Na tessitura de produtores e produzidos, sob a influência da interação dos corpos participantes no processo de produção, surge um complexo e dinâmico campo de improvisação. Temos, porém, que atentar para o fato de que as condições do campo de produção e suas modificações repentinas e recorrentes da estrutura do campo são autogeradas. A estrutura do campo está, portanto, sempre associada à posição dos corpos no espaço social.”¹⁴

Seria possível afirmar: a improvisação não tem um lugar, mas produz espaço; ela é sempre apenas tática. Sendo assim, não se poderia fazer nada estratégico através dela? Sim, pode-se. Improvisação como tecnologia significa abranger e analisar cuidadosamente a disseminação, distribuição difusa e proliferação das estruturas improvisacionais, e observar a ordem das situações urbanas como constitutivas. Em outras palavras: regras encontradas e construídas só funcionam em relação às situações e formas de vida correspondentes. As estruturas materiais, sociais e afetivas devem ser interpretadas, portanto, a partir de uma processualidade que

bedeutet, die Dissemination, die unscharfe Streuung und das Wuchern der improvisatorischen Strukturen zu scannen und einzubeziehen und als konstituierend die Ordnung urbaner Situationen zu betrachten. Anders gesagt: gefundene und konstruierte Regeln und Phänomene funktionieren nur im Verweis auf die Relation jeweiliger Situationen und Lebensformen. Die materialen, sozialen und affektiven Strukturen sind also von einer Prozessualität her zu deuten, die mehr Bedeutungen, Verbindungen und Unterscheidungen beinhaltet als ein rein objektbezogener Diskurs: „Improvisation ist immer aktueller als der Diskurs über sie.“¹⁵

Bauen

Womit nach alledem immer noch nichts über das Bauen selbst ausgesagt wäre. Vielleicht nur soviel: Es entfaltet sich hier ein Begriff des Bauens, der sich nicht auf die Realisierung, sondern auf das Reale des Handlungsalltags selbst stützt und deshalb mit der Komplexität des Verhältnisses und des Bewusstseins verknüpft ist. Anders gesagt: Das gelungene Bauen wäre dasjenige, dass das Parasitäre, das Provisorische nicht zum Scheitern bringt. Das hat wichtige Folgen für die Frage der Ethik. Die Unmöglichkeit, das Andere zu erreichen, wird ersetzt durch ein: „Wir machen es anders.“ Die reale Praxis ist in der Lage, das Realitätsprinzip zu überschreiten und im Modus der partizipativ-situativen Improvisation Raum für Unmögliches zu schaffen. Eine Anregung, Stadt in ihrer heutigen Realität zu lesen und weiterzuschreiben. Allein diese Situation zu erzeugen, schafft den Raum eines anderen Möglichen im Gegebenen. Dabei geht es nicht um ein Er-Handeln von Zukunft, sondern um Ontologie – es handelt sich um eine Frage des Seins als Transformation innerer Haltung. Der Erfolg einer Intervention hängt von

contém mais significados, conexões e diferenças do que um discurso puramente relacionado ao objeto: “A improvisação é sempre mais atual do que o discurso a seu respeito.”¹⁵

Construir

Ainda nada foi dito, contudo, sobre o construir em si. Talvez apenas o seguinte: aqui se desenvolve o conceito do construir que não se apoia na realização, mas na própria realidade da ação diária e está, portanto, vinculada à complexidade do comportamento e da consciência. Ou seja, a construção bem-sucedida seria aquela que não leva o parasitário, o transitório ao fracasso. Isso tem consequências importantes para a questão ética. A impossibilidade de alcançar o outro é substituída por: “Nós fazemos diferente”. A prática real está em condições de superar o princípio de realidade e criar espaço para o impossível no modo participativo-situativo da improvisação. Um estímulo para ler e dar continuidade à escrita da cidade em sua realidade atual. Produzir essa situação gera para o espaço outra possibilidade naquilo que já é dado. Nesse caso, não se trata de uma apropriação do futuro, mas de uma ontologia – de uma questão do ser como postura interna de transformação. O sucesso de uma intervenção depende do espaço interno, a partir do qual a intervenção age.

Permanece importante: a economia que está por trás desse conceito não é uma economia de carência, mas de maximização efetiva, performática e feliz do real. A situação momentânea dos arquitetos não implica, portanto, fazer menos, mas direcionar o fazer de tal forma que o horizonte do possível seja esgotado ao máximo com o fazer apoiado no situacional que já está dado.

dem inneren Ort ab, aus dem heraus die Intervenienden handeln.

Wichtig bleibt: Die Ökonomie, die hinter diesem Konzept steht, ist nicht die eines Mangels, sondern eine des effektiven, performativen und glücklichen Maximierens des Realen.

Die augenblickliche Situation der Architekten impliziert also nicht, weniger zu machen, sondern das Machen so auszurichten, dass mit dem Machen anhand des situativ Gegebenen der Horizont des Möglichen maximal ausgeschöpft wird.

Christopher Dell *leitet seit 2000 das „Institut für Improvisationstechnologie“ in Berlin und war von 2007-2008 Artist in Residence am Goethe-Institut Kolkata. Von 2008-2010 hatte er eine Vertretungsprofessur für Stadttheorie am Lehrstuhl „Urban Design“ an der Hafencity Universität Hamburg inne. Eine Gastprofessur in diesem Fach nahm er auch an der TU München wahr. Im Mai 2012 promovierte Dell an der Universität Duisburg-Essen mit der Arbeit „Die improvisierende Organisation“.*

Anmerkungen

1 Barthes, Roland. „Semiologie und Stadtplanung“. In: Ders.: *Das semiologische Abenteuer*. Frankfurt/Main 1988: 199–209

2 Henri Lefebvre definiert Raum als Produkt. Daraus leitet er die Forderung ab, die Erforschung von Raum weg von den Dingen auf die tatsächliche Produktion von Raum zu verlagern. Das schließt für Lefebvre ein, den Raum in seiner Totalität zu untersuchen. Dabei hat Raum als Produkt eine Qualität, die ihn von anderen Produkten unterscheidet: Er ist selbst sowohl ein Produkt als auch ein Medium, in welchem andere Produkte hergestellt werden (siehe Lefebvre, Henri: *The Production of Space*. Oxford 1991, S. 36, 37). In diesem Kontext kommt der Untersuchung von Zeit und Rhythmus eine Schlüsselrolle zu: „Gefragt ist eine klare Unterscheidung zwischen

Christopher Dell *é diretor do Instituto para Tecnologia do Improviso em Berlim desde 2000. De 2007 a 2008 foi artista residente do Goethe-Institut Kolkata. Foi professor de teoria da cidade do Departamento de Urban Design na Universidade Hafencity, de Hamburgo, e professor visitante da mesma disciplina na Universidade Técnica de Munique. Em maio de 2012, completou seu doutorado na Universidade Duisburg-Essen com a tese A organização improvisada.*

Notas

1 Barthes, Roland. *Semiologie und Stadtplanung*. In: Ders.: *Das semiologische Abenteuer*. Frankfurt/Main 1988:199-209.

2 Henri Lefebvre definiu espaço como produto. Partindo disso, aponta a necessidade de afastar a pesquisa do espaço das coisas, reposicionando seu foco na produção de espaço de fato. Isso significa, para Lefebvre, investigar o espaço em sua totalidade. Nesse sentido, o espaço como produto possui uma qualidade que o difere de outros produtos: ele é tanto produto como meio, no qual outros produtos são gerados (ver Lefebvre, Henri. *The Production of Space*. Oxford, 1991:36, 37). Nesse contexto, a investigação do tempo e do ritmo assume um papel-chave: “Questiona-se uma clara diferenciação entre uma ciência imaginada do espaço, por um lado, e o conhecimento real sobre a produção do espaço, por outro lado. Tal conhecimento, em contraste com a fragmentação, interpretação e representação de uma dita ‘ciência do espaço’, possibilita sobretudo que se descubra novamente algo: o tempo (e, antes de tudo, o tempo de produção) no e através do tempo.” Id., *ibid.*:91.

3 Rossi, Aldo. *Introduzione a Boullée*. In: *Architettura. Saggio sull'arte*. Padova, 1967.

4 Assmann, Jan. *Das kulturelle Gedächtnis*. München, 1999; Warburg, Aby. *Der Bilderatlas Mnemosyne*. In: *Gesammelte Schriften*. Zweite Abteilung, Band II.1, Berlin, 2000; Dell, Christopher.

einer imaginierten Wissenschaft des Raumes auf der einen und realem Wissen über die Produktion von Raum auf der anderen Seite. Solch ein Wissen, im Kontrast zu der Fragmentierung, Interpretation und Repräsentation einer ‚sogenannten‘ Wissenschaft des Raumes, wird vor allem Eines wieder entdecken: die Zeit (und zuallererst die Zeit der Produktion) in und durch Raum.“ Ebd.: 91

3 Rossi, Aldo. „Introduzione a Boullée“. In: *Architettura. Saggio sull'arte*. Padova, 1967.

4 Assmann, Jan. *Das kulturelle Gedächtnis*. München 1999; Warburg, Aby: „Der Bilderatlas Mnemosyne“. In: *Gesammelte Schriften*. Zweite Abteilung, Band II.1, Berlin 2000; Dell, Christopher: „Mnemosyne – Topologien eines kulturellen Gedächtnisses“. In: Ders.: *Prinzip Improvisation*. Köln, 2002: 43.

5 Laclau, Ernesto. „Politics and the Limits of Modernity“. In: Ross, Andrew (Hg.): *Universal Abandon: The Politics of Postmodernism*. Minneapolis, 1988: 81.

6 Rossi, Aldo. *Die Architektur der Stadt*. München, 1988 (Org. 1966): 72.

7 Mezirow, Jack. *Transformative Erwachsenenbildung*. Baltmannsweiler, 1997.

8 Parsons, Arthur S. „The Conventions of the Senses: The Linguistic and Phenomenological Contributions to a Theory of Culture“. In: Ders. (Hg.): *Human Studies*. Boston 1988, Volume 11, Number 1: 13

9 Lakoff, George: „Cognitive Semantics“. In: Eco, Umberto/Santambrogio, Marco/Violi, Patrizia (Hg.): *Meaning and Mental Representations*. Bloomington, 1988.

10 Ebd.: 50.

11 Ungers, Oswald Mathias: „Die dialektische Stadt“. In: Ders.: *Was ich schon immer sagen wollte über die Stadt, wie man sich eigene Häuser baut, und was andere über mich denken*. Braunschweig, 1999.

12 Rossi, Aldo: *Die Architektur der Stadt*: 18

13 Zum „Grand Durand“ und dem Konzept der analytischen und generativen Typologie siehe u.a. Panerai, Philippe: „Typologien“. In: *Arch+*. Heft 37, Aachen, 1978.

14 Dell, Christopher: *Prinzip Improvisation*: 43.

15 Ebd.: 12.

Mnemosyne – Topologien eines kulturellen Gedächtnisses. In: Ders. *Prinzip Improvisation*. Köln, 2002:43.

5 Laclau, Ernesto. Politics and the Limits of Modernity. In: Ross, Andrew (Ed.). *Universal Abandon: The Politics of Postmodernism*. Minneapolis, 1988:81.

6 Rossi, Aldo. *Die Architektur der Stadt*. München, 1988 (Org. 1966):72.

7 Mezirow, Jack. *Transformative Erwachsenenbildung*. Baltmannsweiler, 1997.

8 Parsons, Arthur S. The Conventions of the Senses: The Linguistic and Phenomenological Contributions to a Theory of Culture. In: Ders (Ed.). *Human Studies*. Boston, 1988, v.11, n.1:13.

9 Lakoff, George. Cognitive Semantics. In: Eco, Umberto/Santambrogio, Marco/Violi, Patrizia (Ed.). *Meaning and Mental Representations*. Bloomington, 1988.

10 Id., *ibid.*:50.

11 Ungers, Oswald Mathias. Die dialektische Stadt. In: Ders. *Was ich schon immer sagen wollte über die Stadt, wie man sich eigene Häuser baut, und was andere über mich denken*. Braunschweig, 1999.

12 Rossi, Aldo. *Die Architektur der Stadt*: 18.

13 Sobre Grand Durand e o conceito da tipologia analítica e gerativa, ver, entre outros, Panerai, Philippe. Typologien. In: *Arch+*. Caderno 37, Aachen, 1978.

14 Dell, Christopher: *Prinzip Improvisation*: 43.

15 Id., *ibid.*:12.

Tradução/Übersetzung Marília Palmeira
Revisão Técnica/Technisches Korrektur Lesen
 Carolina Paoletti